Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Dossiê Linguagens Urbanas: olhares e diálogos nos territórios das cidades

"MESA FARTA": CONSTRUINDO IMAGINÁRIOS DE ABUNDÂNCIA PARA O PORTAL DO SERTÃO (BA) A PARTIR DO ARTESANATO

"FULL TABLE": BUILDING IMAGINARIES OF ABUNDANCE POR PORTAL DO SERTÃO (NA) BASED ON CRAFTS

"UNA MESA DE ABUNDANCIA": CONSTRUYENDO IMAGINARIOS DE ABUNDANCIA PARA PORTAL DO SERTÃO (BA) A PARTIR DE LA ARTESANÍA

Matheus Guimarães Costa
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, Feira de Santana, Banhia, Brasil

Eduardo Oliveira Miranda
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, Feira de Santana, Banhia, Brasil

Resumo

Este artigo apresenta o artesanato enquanto uma ferramenta de diálogo com o território, a partir das visualidades que constrói e dos significados que elabora. Tomando o Portal do Sertão enquanto um território de identidade baiano, que carrega enorme dinâmica artística e questões sociais passíveis de serem debatidas e, analisando a obra autoral chamada "Mesa Farta", exposta no Museu Regional de Arte, em Feira de Santana, em 2023, é possível traçar um percurso analítico desde alguns elementos culturais que a obra tenciona, até o diálogo da mesma com o território em questão. Imaginários em torno das subjetividades dos sujeitos que o habitam e políticas culturais deste setor.

Palavras chave: Artesanato. Cultura. Urbanidade.

Abstract

This article presents crafts as a tool for dialogue with the territory, based on the visualities it constructs and the meanings it creates. Taking the Portal do Sertão as a territory of Bahia, that carries enormous artistic dynamics and social issues that can be debated, and analyzing the authorial artistic work, called "Mesa Farta", exhibited at the Regional Art Museum, in Feira de Santana, in 2023, it is possible to trace an analytical path from some cultural elements that the work tensions to its dialogue with the territory in question, imaginaries around the subjectivities of the subjects who inhabit it and cultural policies of this sector.

Keywords: Crafts. Culture. Urbanity.

GUIMARÃES COSTA, Matheus; OLIVEIRA MIRANDA, Eduardo. "MESA FARTA": CONSTRUINDO IMAGINÁRIOS DE ABUNDÂNCIA PARA O PORTAL DO SERTÃO (BA) A PARTIR DO ARTESANATO. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 66, N. 66, p. 1-17, Outubro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Resumen

Este artículo presenta la artesanía como herramienta de diálogo con el territorio, a partir de las visualidades que construye y los significados que crea. Considerando Portal do Sertão como un territorio de identidad bahiana, portador de una enorme dinámica artística y problemáticas sociales abiertas al debate, y analizando la obra original titulada "Mesa Farta", expuesta en el Museo Regional de Arte de Feira de Santana en 2023, es posible trazar un recorrido analítico desde algunos de los elementos culturales que la obra propone hasta su diálogo con el territorio en cuestión. Imaginarios en torno a las subjetividades de quienes la habitan y las políticas culturales de este sector.

Palabras clave: Artesanía. Cultura. Urbanidad.

INTRODUÇÃO

> Só tenho uma flecha eu não posso errar; A morte já não pode me vencer (CORUJA, 2019)

O território habitado pelo ser humano, seja ele acompanhado por estruturas urbanas ou carregando características mais ruralizadas, é inevitavelmente atravessado pela cultura, visto que existem sujeitos realizando práticas e ações diversas, desde manifestações verbais, símbolos, textos, interações entre si e com o meio, produção de artefatos e concepções variadas, onde procuram entender a si mesmos e aos outros pela interpretação das expressões que produzem e recebem (THOMPSON, 1995).

A busca por pensar a si mesmo, desde nossos desejos individuais, aspirações que carregamos como bagagem desde a infância, nossa intuição e interação individual com o que está ao redor, é uma ação que necessita de uma análise mais ampla, mais coletiva, visto que o meio tem enorme influência sobre o indivíduo, e a reciproca é válida, sendo um “corpo-território é um texto vivo, um texto-corpo que narra as histórias e as experiências que o atravessa” como aponta o pesquisador Eduardo Miranda (2020b, p. 25) e complementa que o mesmo:

> [...] propicia ao indivíduo entender o que está ao seu redor a partir do seu próprio corpo, de si mesmo, sua posse sobre o seu corpo, assim como uma territorialidade em constante movimento que para onde se desloca carrega consigo toda a bagagem cultural construída ao longo das suas trajetórias. (MIRANDA, Eduardo, 2014a, p. 69-70)

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Desta forma, numa tentativa de compreender algumas relações estabelecidas no território de identidade Portal do Sertão, que engloba os 17 municípios, dentre eles Água Fria, Amélia Rodrigues, Conceição da Feira, Feira de Santana, Ipecaetá, utilizo de alguns conceitos de cultura para orientar este percurso analítico, afim de costurar adequadamente a ideia que propõe-se na obra artesanal chamada “Mesa farta”, produção autoral, servindo de ponto de reflexão sobre algumas dinâmicas socioculturais locais, sendo melhor apresentada mais adiante no texto.

É relevante, também, compreender que trata-se de um território colonizado, que presenciou relações exploratórias e de dominação que deixaram um rastro não só na materialidade dos espaços mas nas subjetividades e nos corpos-territórios dos sujeitos que aqui habitam. Logo, intenciono relacionar alguns conceitos de cultura com autores que discorrem sobre a Decolonialidade, perspectiva teórica que percebe e reconhece as múltiplas e heterogêneas diferenças coloniais, assim como as múltiplas e heterogêneas reações, também conhecidas como insurgências, das populações e dos sujeitos subalternizados à colonialidade do poder (QUIJANO, 2005).

Desta forma, objetiva-se nesta produção textual tecer reflexões sobre algumas relações entre o território do Portal do Sertão e a cultura local, partindo do artesanato, mais especificamente a utilização da madeira, forma de produção artística muito presente na região, carregando simbologias e dinâmicas artísticas relevantes nessa pesquisa.

O trecho da música do rapper Coruja BC1 trazido na epígrafe, sugere um itã do Orixá Oxóssi, muito disseminado em terreiros e associada a imagem desta divindade, onde conta que Oxóssi só carregava uma flecha e com ela conseguiu matar os pássaros que na estória estavam gerando problemas para a comunidade, e de forma bastante certeira afastou a morte de onde estava. São recorrentes os discursos que associam o sujeito nordestino à imagem de escassez e ausência de recursos, muito pelo estigma de convivermos com a seca, porém cabem análises mais aprofundadas para compreender possíveis motivos desses imaginários serem coletivamente reforçados, onde nos está reservada a falta, o solo seco e ausência de abundância.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Mesmo neste real cenário de escassez, de vulnerabilidade, de condições climáticas desfavoráveis e agravadas pela inexistência do Estado, é que Oxóssi nos ensina que na escassez precisamos vislumbrar a fartura onde só enxerga quem apalpa o território que pisa, que nutre, que apresenta possiblidades nas frechas da respiração controlada e na observação com foco na conquista da caça.

Viver na escassez é um prato cheio de inseguranças com muitas variáveis e futuros imprecisos. Contudo, ser fruto do Sertão Nordestino é o que nos permite a peculiaridade de sobreviver onde a estrutura do poder nos alveja a própria sorte. Na escassez, não só de alimentos, de capital cultural é que o corpo-território se reinventa e converte em artes/artesanato o que o Outro hegemônico visualiza a impossibilidade de vida. É na escassez que este artigo se reivindica como “Mesa farta”.

ARTESANIAS DE OUTROS IMAGINÁRIOS: SEMEANDO FARTURA NO PORTAL DO SERTÃO

O Brasil é um país de enorme extensão territorial, onde houve uma imensa confluência de saberes, tradições e questões étnico-raciais variadas compondo as culturas que aqui convivem, sendo inviáveis os esforços que muitas vezes as grandes mídias fazem em unificar este território em uma única concepção, uma única imagem ou símbolo.

Desmembrando o país em regiões, ainda dentro do Nordeste existe uma variedade imensa de povos, hábitos e formas de ser. É uma das maiores regiões do país e compreende uma área de 1.561.177,8 km do território nacional, com nove estados (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Alagoas e Bahia), e sua dimensão territorial, exceto o Maranhão, é formada em grande parte pelo semiárido (FRANÇA, 2014). A caatinga é o bioma próprio dessa região, apresenta um revestimento baixo de vegetação com arbustos e rara vegetação arbórea, com folhas miúdas e caule espinhento, adaptados para o clima semiárido, para conter os efeitos de uma evapotranspiração muito intensa, porém também havendo uma quantidade grande de rios e lagoas atravessando a superfície.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

É muito comum o discurso de determinismo geográfico, onde o ambiente e estrutura do local condicionem a diversidade cultural daquele grupo, porém a posição da antropologia moderna (LARAIA, 1932) é que a "cultura age seletivamente e não casualmente sobre seu meio ambiente", explorando determinadas possibilidades e limites do desenvolvimento, para os quais as forças decisivas estão na própria cultura e na história da cultura. Logo, definir um aspecto humano diretamente e unicamente pela ação do meio, visto que ele pode agir de diferentes maneiras sob cada sujeito, chega a ser impossível e inadequado. O determinismo, antes comentado, ignora muitas vezes a diversidade do meio, já que num mesmo ambiente, por mais seco que ele possa ser, apresenta água, apresenta outros elementos, logo, dois indivíduos criados no mesmo espaço sob a mesma condição, podem apresentar jeito de ser e desejos individuais diferentes. Cabe aqui refletir sobre o sujeito que habita este território do portal do sertão, quais características são atribuídas à eles e por qual motivo?

O fenótipo do homem nordestino é basicamente pardo de base indígena e negra, advindo da miscigenação entre colonizadores e colonizados, tratado por alguns no início do século XX como uma sub-raça, sem vigor físico dos nativos ou competência intelectual dos colonizadores, traz consigo a visão de um desequilibrado. Em Os sertões de Euclides da Cunha (2008) temos essa descrição, geralmente dada ao sertanejo:

> Falta-lhe a plástica impecável, o desempeno, a estrutura corretissima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gingante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. (CUNHA, 2008, p. 118).

Feira de Santana e as cidades próximas, mesmo não se enquadrando territorialmente enquanto sertão, está no território de identidade do portal do sertão, sendo uma região que apresenta grande relação com o interior do estado da Bahia, dialogando de inúmeras maneiras com o Sertão baiano. Logo, nesse trecho apresentado, é possível vislumbrar um pouco do imaginário construído em torno do sujeito que habita esse território, onde se paira uma ideia de desajuste,

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

fraqueza, que chega a ser pejorativo. Esta obra de Euclides é muito famosa, reconhecida em território nacional e contribui fortemente para a continuidade desse imaginário.

É muito comum em abordagens feitas sobre o Nordeste, sua sociedade e natureza, associar o clima semiárido à pobreza, à violência, à educação precária e à exploração humana que obriga muitas vezes o nordestino à migração em busca de sobrevivência ou uma vida melhor (FRANÇA, 2014). Para além da literatura, nas artes visuais é notável que algumas obras de artistas famosos também reforcem essa ideia em torno do sujeito nordestino que habita o sertão. Como o exemplo da obra “Os retirantes” de Portinari, que é uma pintura feita em 1944 pelo artista brasileiro Cândido Portinari, produzida com a técnica de óleo sobre tela, possui dimensão de 180 x 190 cm e encontra-se no Museu de Arte de São Paulo (MASP).



*Figura 1: Obra "Os retirantes", de Cândido Portinari (*Fonte: Site “Toda Matéria”)

Esta obra recebeu e ainda recebe grande repercussão da mídia, e retrata uma família em processo de êxodo rural, em busca de melhores condições de vida. Na tela estão desenhados, supostamente, os pais, seus filhos e um idoso, estrutura familiar típica no interior baiano, porém eles estão representados com seus corpos desnutridos, em tons de cinza, marrom e azuis escuros, corpos

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

enfraquecidos e pisando em pedras e ossos. Esses elementos visuais representados em conjunto na tela, associados a uma característica territorial específica, a seca, compõe uma ideia, um discurso, e associa esses sujeitos à escassez, a fome e à miséria (PERRINI, 2017).

Pensando nas diversas paisagens que o sertão baiano possa apresentar, não anula-se esta que está posta na tela, o vazio, a seca e a ausência de água, porém também esta imagem não representa a totalidade da diversidade de formas de viver nesta região, até porque existem muitos rios que atravessam esse território e muitas lagoas, poços e águas subterrâneas que garantem a sobrevivência desses indivíduos. Desta forma, a obra em questão é eficiente em imagear uma família em situação extrema de fome e pobreza, porém pela repercussão nacional e internacional que possui, também se faz eficaz em contribuir na elaboração de uma imagem única, um estereótipo, de falta e dor para o sertão e seu entorno.

A “era da imagem” ou chamada também de “pedagogia da imagem” não pode ser vista como a utilização maciça de ilustrações, sem intenções sociopolíticas, mas como o emprego generalizado de esquemas matemáticos de “grades representativas”. O objetivo buscado é a plena visibilidade do mundo, a produção de um real ainda mais real (SODRÉ, 1983). O que Muniz Sodré trata no livro A verdade seduzida se relaciona com o que está levantado no texto, quando a produção imagética elabora uma ideia, e esta ideia repercute no tempo, nas mídias e nas comunidades. O exemplo da obra de Picasso é apenas uma amostra e um imaginário que atravessa os estados e contribui para que este discurso de escassez seja aderido ás pessoas que habitam este território, muitas vezes até as fazendo acatar a desesperança em suas subjetividades.

A arte, o desenho e as diversas formas de representar o mundo como o experienciamos, ou como desejamos experienciar, vem acompanhados de uma responsabilidade, visto que os traços, as cores e as formas carregam significados e produzem realidades, a partir do momento que constroem pensamentos. Esta reprodução do mundo por meio do desenho inscreve-se no âmbito da magia, da religião e das atividades sociais, satisfazendo um prazer estético (MORIN, 1975). Por meio do desenho o homem tem a possibilidade de representar a si, seus

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

sonhos, ideias, aspirações, ou mesmo suas intenções vaidosas, orgulhosas, seus jogos de poder, em resumo, seu duplo.

Diante do que foi exposto com relação à importância de gerar reflexões em torno do território do portal do sertão, e do sertão propriamente dito, dos sujeitos que habitam esta região, e ainda da potência da arte em (re)criar imaginários e potencializar discursos, é que o artesanato surge como um formato artístico de grande relevância cultural e com contribuições a serem postas nesta discussão.

O artesanato tradicional, compreendido como o conjunto de artefatos mais expressivos da cultura de um determinado grupo, representativo de suas tradições e incorporados à vida cotidiana, é elemento integrante dos seus costumes e formas de viver. Sua produção possibilita a transmissão de saberes, que muitas vezes são repassados entre gerações, mantém estrita relação com a oralidade, sendo portanto a memória, um componente essencial nesta dinâmica de trabalho (BRASIL, 2017). A produção artesanal apresenta diversas funcionalidades: decorativa, utilitária, de adorno, lúdica, religiosa etc. O que há de comum entre elas é que a peça artesanal expressa características pessoais, sociais, históricas e culturais de seu produtor, e é dessa expressão que deriva o valor – simbólico e comercial – de cada peça artesanal.

O artesanato (LEMOS, 2011) é uma atividade pulsante no território do portal do sertão, havendo um certo destaque para os materiais de couro, palha e madeira. Cada materialidade carrega suas técnicas, tempo de produção e significados próprios. Os artesãos sempre estiveram presentes nas feiras livres mais antigas da cidade de Feira de Santana, e é possível encontrar diversos registros fotográficos desta presença, a exemplo da ilustre artesã Crispina dos Santos, que produzia peças em barro e representava muito da cultura popular baiana em suas produções, sendo uma figura marcante na história do artesanato na região.

As referências culturais dos grupos humanos têm orientado as tendências no trato com a discussão do desenho, e os elementos da imagem, memória e etnicidade são componentes dessa tendência (FERREIRA, 2005). O artesanato é uma das áreas onde a memória e a identidade ganham centralidade, e são itens estruturantes das suas técnicas e modos de produzir e, desta forma, é importante

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

ressaltar a relevância deste seguimento artístico no diálogo com a cultura local e seus desdobramentos.

Nos últimos anos, tem acontecido um movimento de retomada das artes visuais em Feira de Santana e seu entorno, sendo esta uma cidade de grande relevância na dinâmica econômica, política e artística da região, visto que é uma cidade enquadrada como região metropolitana e exerce enorme influência sobre os municípios vizinhos, que também estão inclusos no portal do sertão. Tem sido realizada algumas exposições em museus locais, reunindo diversos artistas do território, afim de movimentar esses espaços museólogos que estavam enrijecidos e sem abertura às dinâmicas que o mercado de artes visuais estava mobilizando nos últimos anos, ainda mais por conta da pandemia do COVID-19 que impossibilitou ainda mais suas atividades.

Dentre as exposições organizadas estão a Mostra Coletiva Ocupação, realizada no Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira (MAC Feira) em 2022, foi a primeiro projeto de mobilização e saída desse estado de inércia artística que se encontrava o circuito de museus na cidade de Feira de Santana, havendo também a realização de oficinas e rodas de conversa. Posteriormente houve Mostra coletiva Conexão, que aconteceu no Museu Regional de Arte (MRA), na mesma cidade, em 2023, contando com artistas de diversas áreas de atuação, trazendo obras com temáticas diversas e maneiras distintas de representar a si e a sua realidade. No final de 2023, houve a segunda edição da Mostra Coletiva Ocupação, chamada de “Um lugar de pertencimento”, onde foram trazidas cargas identitárias ainda mais densas para dentro do MAC Feira, ampliando a participação para novos artistas e os que já tinham participado das outras edições puderam se inovar e mostrar mais do seu fazer artístico.

Essas mostras marcaram um momento na cena das artes visuais em Feira de Santana e foi possível realizar um diálogo interessante com a população, em que por meio do desenho, tomado aqui como conceito amplo de delimitação de formas, traços e significados, mobilizou-se imaginários em torno do papel político da arte na contemporaneidade e a importância de pensar em uma identidade para esta região, afim de alimentar processos de fortalecimento da cultura local e buscar continuidade desses saberes populares, que estão postos nos fazeres artísticos dos integrantes dessas exposições.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Dentre as obras apresentadas, uma em específico surge como uma produção que incita maiores reflexões dentro das discussões levantadas neste texto, visto que sugere um debate em torno de algumas questões identitárias e tenciona o imaginário elaborado em torno dos sujeitos que habitam o sertão baiano. A obra se chama “Mesa farta”, produzida pelo AUTOR 1, com atuação enquanto artesão e engenheiro civil, construída com a técnica de recorte de madeira e pintura em tinta acrílica sobre madeira pinus, evidenciada na imagem abaixo.



Figura 2: Obra Mesa Farta, exposta no MRA, Feira de Santana (acervo fotográfico autoral)

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Esta obra conta com 31 peixes, de diversas cores e formatos diferentes. Abaixo deles está posta uma peça produzida na intenção de representar uma mesa, e acima dela um pote pequeno de planta, contendo uma espécie conhecida popularmente na região como espada de Ogum.

Diante do que foi apresentado anteriormente sobre os diversos estereótipos que existem em torno do sujeito que habita o sertão baiano, representar, portanto, uma mesa farta surge como uma elaboração de outros imaginários que não o da fome. Esta obra intenciona saudar as águas, onde o elemento do peixe toma centralidade na obra, e este é um símbolo de grande significado dentro da cultura africana, onde “a mulher, a água, o peixe pertencem, constitucionalmente, ao mesmo simbolismo da fecundidade, verificável em todos os planos cósmicos” (SANTANA, 2017). A ideia de fecundidade, de abundância, mesa farta, vão de encontro à imagem pintada por Portinari, os retirantes com seus corpos magros e desfalecidos estão em oposição, simbolicamente, à ideia apresentada pela obra do AUTOR 1.



Figura 3: Detalhe da obra Mesa farta (acervo fotográfico autoral)

O símbolo que está desenhado no pote de cerâmica, colocado sobre a peça que representa a mesa, é do Ofá, paramenta carregada por orixás que desempenham uma função de caçar dentro da cultura yorubá, como Oxóssi,

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Logunedé, Otim. Este símbolo foi posto nesta obra afim de representar a fartura, esta é a sabedoria que o Ofá mobiliza. É a flecha certeira que afasta a fome, a falta de recursos e garante a vida da comunidade, tal como diz a música do rapper Coruja apresentada na introdução.

Esta obra, sendo um conjunto produzido a partir do segmento do artesanato, constituído de madeira, um material comumente utilizado nas produções artesanais locais, contendo símbolos que remetem a cultura africana, em um território colonizado, elabora um discurso que extrapola somente as formas que apresenta, a própria materialidade busca estabelecer um diálogo de contato e envolvimento com as tradições locais e se distanciar das molduras coloniais que as artes visuais hegemônicas estabelecem. O estereótipo da fome alimenta uma ordem de poder, em que o sujeito que habita o sertão baiano ocupa o lugar do necessitado, o empurrando à imaginários de escassez e desesperança.

Esta reflexão produzida a partir do artesanato, deixa explicita a interação do artesanato com a ação política e sobretudo com os conflitos sociais contemporâneos, evidenciando a experiência e visão do artesão. Porém se fazem urgentes a elaboração e fortalecimento de políticas públicas que deem estimulo para estas produções. Como o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB) que foi criado pelo Decreto de 21 de março de 1991. Originalmente vinculado ao Ministério da Ação Social, o PAB tem o objetivo de coordenar e desenvolver atividades que visem a valorizar o artesão brasileiro, elevando o seu nível cultural, profissional, social e econômico. As ações do Programa estimulam a consolidação do artesanato brasileiro enquanto setor econômico no desenvolvimento das comunidades, a partir da consideração de que a atividade é disseminada em todo território nacional, possuindo variações e características peculiares conforme o ambiente e a cultura regional (SANTANA, 2020), porém ações como o PAB precisam continuar sendo construídas e discutidas coletivamente com os diversos atores sociais que estão envolvidos neste circuito artístico e político do fazer artesanal.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imagem carrega significados e se insere em uma ordem de poder, a partir do momento que representa realidades ou desejos. O artesanato se insere nessa encruzilhada como um caminho em que o desenho e a imagem se fazem presentes, e se mostra eficiente na produção de discursos e imaginários diversos.

Pollak (1992) afirma que a memória e a identidade são elementos negociáveis e deve-se distanciar da ideia de essência de uma pessoa ou grupo, logo ainda que este território chamado sertão, vivencie situações de seca severas, ainda que exista toda uma natureza que se adapta à períodos sem água, uma vegetação que sofre com períodos sem chuva, e ainda que existam retirantes que possam experienciar a fome e a necessidade de se deslocar em busca de melhoria de vida, não é possível definir uma subjetividade única para os sujeitos que vivem nesse território, “esses discursos sedimentam certas concepções e difundem, valores-ideologias geográficas engendrando uma espécie de “senso comum”, uma mentalidade coletiva acerca do espaço” (ANDRADE, 2019, p.4).

No centro da encruzilhada a própria noção de centro de dissemina (MARTINS, 2003). Assim como o jazista retese os ritmos seculares, transcriando-os dialeticamente numa relação dinâmica, retrospectiva e prospectiva, assim como o artesão, que reúne em suas técnicas repassadas por gerações, conectando a cabeça do artista com os materiais que o meio oferece, desta forma, a cultura local, em seus variados modos de asserção, fundam-se, dialogicamente, em relação aos arquivos e repertórios das tradições africanas, europeias e indígenas, nos voltejos das linguagens, nos ritos, na música, nos artesanatos e em muitas outras práticas performáticas que instauram.

A produção autoral do artesão AUTOR 1 serviu para sugerir um olhar de fartura, instigar uma mudança de perspectiva e incitar esse debate, evidenciando a diversidade de subjetividades que o território do portal do sertão apresenta, sendo este, abundante, farto e complexo.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

Referências:

AIDAR, L. **Retirantes de Portinari**: análise da obra. Toda Matéria, *[s.d.]*. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/retirantes-candido-portinari/>. Acesso em 10 de julho de 2024.

ANDRADE, A. C. N. B. de. A REPRESENTAÇÃO DO SERTÃO NO IMAGINÁRIO NACIONAL. Niterói, 2019. Disponível em <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/44017/25161>. Acesso em 10 de julho de 2024.

Brasil. Ministério da Cultura. Secretaria da Economia da Cultura – 2017. Plano Setorial do Artesanato – 2016-2025/Minc/SEC – Brasília-DF – 2017 40 p.: il color. Disponível em <https://pnc.cultura.gov.br/wp-content/uploads/sites/16/2018/03/AF_Book_Artesanato_20x20cm2.pdf>. Acesso em 06 de junho de 2024.

CORUJA, 2019. **Lágrimas de Odé, Produção Musical**: WillsBife Mixagem: WillsBife Masterização: Canela. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=u2ZO-aDMQ6M>. Acesso em 03 de julho de 2024.

CUNHA, E. da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. Disponível em <https://fundar.org.br/wp-content/uploads/2021/06/os-sertoes.pdf>. Acesso em 10 de julho de 2024.

FERREIRA, Edson Dias. **Desenho e Antropologia**: influências da cultura na produção autoral. In: GRAPHICA: International Conference on Graphics Engineering of Arts and Design e XVIII Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico, 2005, Recife, PE. Anais... Recife, 2007, p. 10.

FRANÇA, M. S. M. de. **A representação da identidade do nordestino na obra Vidas Secas de Graciliano Ramos.** João Pessoa, 2014. Disponível em <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/10012/1/PDF%20-%20M%C3%ADrian%20Sousa%20Medeiros%20de%20Fran%C3%A7a.pdf>. Acesso em 04 de julho de 2024.

LARAIA, Roque de Barros**. Cultura**: uni conceito antropológico / Roque. Rio de Janeiro, 1932. 14.ed.

MARTINS, Leda Maria. **PERFORMANCES DA ORALITURA**: CORPO, LUGAR DA MEMÓRIA. Letras, *[S. l.]*, n. 26, p. 63–81, 2003. DOI: 10.5902/2176148511881. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>. Acesso em: 30 set. 2024.

LEMOS, Maria Edny Silva. **O ARTESANATO COMO ALTERNATIVA DE TRABALHO E RENDA.** Subsídios para Avaliação do Programa Estadual de Desenvolvimento do Artesanato no Município de Aquiraz-Ce. Fortaleza, 2011. Disponível em

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

<https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/1484/1/2011_Dis_MESLemos.pdf>. Acesso em 30 de setembro de 2024.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. O negro do Pomba quando sai da Rua Nova, ele traz na cinta uma cobra coral: os desenhos dos corpos-territórios evidenciados pelo Afoxé Pomba de Malê. 2014. **Dissertação** (Mestrado Acadêmico em Desenho Cultura e Interatividade) - Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade, Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014. Disponível em <http://tede2.uefs.br:8080/bitstream/tede/97/2/ Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20E duardo%20O%20MIranda.pdf.> Acesso em 03 de setembro de 2024.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território & educação decolonial**: proposições afro-brasileiras na invenção da docência. Salvador: EDUFBA, 2020. Disponível em <http://proex.uefs.br/arquivos/File/EBOOKcorpoterritorioeducacaodecolonialrepositorio.pdf>. Acesso em 07 de set. 2024.

MORIN, E. **O Enigma do homem**: para uma nova antropologia. Rio de Janeiro, Zahar, 1975. 227p.

PERRINI, C. M. L. "**Os retirantes**" de Cândido Portinari: o esforço para ser humano é o que nos torna vivos. Fortaleza, 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v41n67-68/v41n67-68a25.pdf>. Acesso em 08 de julho de 2024.

POLLAK, M. **Memória e identidade social.** Estudos históricos, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p. 200-212, 1992.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgard (org). **A colonialidade do poder**: eurocentrismo e ciencias sociais. Perspectivas latinoamericanas. Colección Sur Sur. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf>. Acesso em 31 de maio de 2024.

SANTANA, Maíra Fontenele. **Trajetória do artesanato brasileiro**: perspectiva das políticas públicas. 2020. 215 f., il. Dissertação (Mestrado em Design) Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

SANTANA, M. DE. **Legados africanos**: palavra enunciadora de simbolismos étnicos. ODEERE, *[S. l.]*, v. 2, n. 3, p. 05-33, 2017. DOI: 10.22481/odeere.v3i3.1571. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/1571. Acesso em: 10 jul. 2024.

SODRÉ, Muniz. **A Verdade Seduzida**. Por um Conceito de Cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Codecri, 1983.

V. 66, N. 66 (2025)
ISSN 2319-0868

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna**. Petrópolis, 1990. Disponível em <https://dennisdeoliveira.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/10/thompson-ideologia-e-cultura-moderna.pdf>. Acesso em 10 de julho de 2024.

Recebido em:25/02/2025.
Aceito em:13/05/2025.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Matheus Guimarães Costa
Graduado em Engenharia Civil na Universidade Estadual de Feira de Santana. Pesquisa sobre o artesanato baiano e sua relação com a cultura local. Artesão e arte-educador, professor do Centro Universitário de Cultura e Arte de Feira de Santana. Mestrando no Programa de Desenho, Cultura e Interatividade da UEFS.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1021-7057
E-mail: guimaraesmc7@gmail.com

Eduardo Oliveira Miranda
Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), atuo no Departamento de Educação, onde contribuo como docente permanente do Mestrado em Educação - PPGE/UEFS, assumindo o componente curricular Corpo-território e Educação Decolonial. Professor permanente do Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade - PPGDCI/UEFS. Possui Licenciatura em Geografia e Pedagogia. Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade - UEFS. Doutorado em Educação - UFBA. Especialista em Gênero e Diversidade na Escola - NEIM/UFBA.
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5836-4761
E-mail: eomiranda@uefs.br

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

REVISTA DA FUNDARTE